

EXPERIÊNCIAS DE ADOLESCENTES EM JUAZEIRO-BA COM O FENÔMENO CYBERBULLYING

Teenagers experiences in Juazeiro-BA with the Cyberbullying phenomenon

Experiencias de adolescentes en Juazeiro-BA con el fenómeno del Ciberacoso

LIBERALINA SANTOS DE SOUZA GONDIM
MARCELO SILVA DE SOUZA RIBEIRO

Resumo: O cyberbullying é uma nova forma de bullying em que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são utilizadas para intimidar pessoas. Diante da necessidade de aprofundar o conhecimento científico sobre o tema, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender as experiências de adolescentes com o cyberbullying, especificamente, buscou-se identificar manifestação de cyberbullying entre alunos do ensino médio em Juazeiro-BA, descrever os sentidos da experiência com o cyberbullying e suas possíveis repercussões na vida destes adolescentes, e apontar estratégias de enfrentamento utilizadas por eles para lidar com o cyberbullying. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva com foco na experiência de quatro estudantes do ensino médio que participaram de uma entrevista com uma pergunta disparadora, analisada através do método fenomenológico. Os resultados mostram que a experiência dos jovens foi marcada por estratégias insuficientes para lidar com o fenômeno, sendo estas prioritariamente individuais. As repercussões das experiências incluíram irritabilidade, estresse, ansiedade e raiva, prazer no sofrimento do outro, tristeza, ideação suicida, medo, culpa e frustração. As significações das experiências se fazem através da construção de sentidos sempre abertos a ressignificação pela reflexão sobre si e os outros diante do fenômeno cyberbullying.

Palavras-Chave: Bullying; Cyberbullying; Adolescentes; Fenomenologia.

Abstract: Cyberbullying is a new form of bullying in which Information and Communication Technologies [Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)] are used to intimidate people. Given the need to deepen the scientific knowledge on the subject, this research has as its main goal to understand the experiences of teenagers with cyberbullying. Specifically sought to identify manifestation of cyberbullying among high school students in Juazeiro-BA, describe the meanings of experience with cyberbullying and its possible repercussions on the lives of these adolescents, and point out coping strategies used by them to deal with cyberbullying. This is a qualitative, exploratory and descriptive research focused on the experience of four high school students who participated in an interview with a trigger question, analyzed through the phenomenological method. The results show that the experience of young people was marked by insufficient strategies to deal with the phenomenon, which are primarily individual. The repercussions of the experiences included irritability, stress, anxiety and anger, pleasure in the other's suffering, sadness, suicidal ideation, fear, guilt and frustration. The meanings of experiences are made through the construction of meanings always open to resignification by reflection on themselves and others in the face of cyberbullying phenomenon.

Keywords: Bullying; Cyberbullying; Adolescents; Phenomenology.

Resumen: El acoso cibernético es una nueva forma de acoso en el que las Tecnologías de la Información y la Comunicación [Tecnologías da Informação e Comunicação (TICs)] se utilizan para intimidar a las personas. Dada la necesidad de profundizar el conocimiento científico sobre el tema, esta investigación tiene como objetivo comprender las experiencias de los adolescentes con ciberacoso, específicamente para identificar la manifestación del ciberacoso entre los estudiantes de secundaria en Juazeiro-BA, describir los significados de experiencia con el ciberacoso y sus posibles repercusiones en la vida de estos adolescentes, y señale las estrategias de afrontamiento utilizadas por ellos para hacer frente al ciberacoso. Esta es una investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva centrada en la experiencia de cuatro estudiantes de secundaria que participaron en una entrevista con una pregunta desencadenante, analizada a través del método fenomenológico. Los resultados muestran que la experiencia de los jóvenes estuvo marcada por estrategias insuficientes para enfrentar el fenómeno, que son principalmente individuales. Las repercusiones de las experiencias incluyeron irritabilidad, estrés, ansiedad e ira, placer en el sufrimiento del otro, tristeza, ideación suicida, miedo, culpa y frustración. Los significados de las experiencias se hacen a través de la construcción de significados siempre abiertos a la resignificación mediante la reflexión sobre ellos mismos y los demás ante el fenómeno del ciberacoso.

Palabras-clave: Bullying; Ciberacoso; Adolescentes; Fenomenología.

Introdução

O contexto social atual tem despertado interesse no estudo do comportamento dos jovens na internet e das especificidades do viver adolescente. Para Santander (2013) apesar de serem muito úteis para uma diversidade de funções, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) parecem estar sendo utilizadas com maior frequência para o relacionamento entre os pares.

Desse modo, a experiência de adolescer da geração chamada de nativos digitais, sofre influências de aspectos como mídia, consumo, publicidade, tecnologias e uma diversidade de modos de vida que a torna única para cada ser, podendo gerar insegurança e incerteza na relação estabelecida com o mundo (Melo & Moreira, 2008). Assim, quando ocorre aceitação social, construção de vínculos, reconhecimento e visibilidade no ambiente virtual, o jovem tem maior potencial para desenvolver de forma saudável sua relação com o mundo. Quando, pelo contrário, ocorrem relações de exploração, intimidação e violência, os efeitos podem ser negativos em nível biopsicossocial (Patchin & Hinduja, 2006).

Neste contexto, o *cyberbullying*, pode ser visto como o uso das TICs para assediar, ameaçar, constranger e humilhar vítimas por meio de *e-mails*, mensagens de texto, fotos e vídeos ofensivos, manipulação de imagens, bate-papo e redes sociais, de modo que pode atingir milhares de expectadores em pouco tempo (Shariff, 2011). Além disso, pode estar associado ao suicídio na adolescência, pois o risco de suicídio entre os jovens se intensifica na presença de violência ou abuso, especialmente naquelas ocasiões em que a intensidade da dor e do sofrimento se associam a estratégias limitadas na tentativa de resolver o problema e baixo suporte social (Tam & Col, 2011, conforme citado por Faria, 2014).

Diante da complexidade das relações que envolvem o uso das TICs para o exercício da violência, esta pesquisa visou compreender experiências de adolescentes com o fenômeno *cyberbullying*. Especificamente, buscou-se identificar manifestação do *cyberbullying* entre alunos do ensino médio em Juazeiro-BA, descrever os sentidos da experiência com o *cyberbullying* e suas possíveis repercussões na vida destes adolescentes, e apontar estratégias de enfrentamento utilizadas por eles para lidar com o *cyberbullying*.

O interesse em pesquisar sobre experiências de adolescentes em situações de *cyberbullying* surgiu tendo em vista a forma como os jovens estão constantemente conectados às novas tecnologias digitais, podendo estar sujeitos ao exercício da violência on-line. Logo, torna-se relevante pesquisar os sentidos das experiências dos atores implicados no *cyberbullying*, assim como a criação de espaços de cuidado à saúde, escuta e ajuda, além de medidas educacionais viáveis e efetivas de enfrentamento do problema.

Portanto, a partir de um viés fenomenológico embasado, sobretudo, nas contribuições de Merleau-Ponty, buscamos acessar as vivências dos adolescentes. Merleau-Ponty nos traz a noção de sujeito como copartícipe do mundo, que está o tempo todo atribuindo sentido ao mundo, percebendo-o e experienciando-o de formas próprias. Assim, a elucidação de sentidos pelo homem envolve uma consciência aberta ao mundo, uma consciência perceptiva que está situada no corpo e este, por sua vez, situado no mundo (Merleau-Ponty, 1945/2011). Para Merleau-Ponty o homem está enraizado no mundo e o mundo é o homem (Moreira, 2004). Nessa perspectiva, não há verdades fechadas ou absolutas, mas sim um movimento sempre aberto de construção e reconstrução contínua de sentidos a partir do campo perceptivo do sujeito, tornando o conhecimento sempre inacabado (Moreira, 2004). Assim, não é possível que o pesquisador suspenda os seus a priori na tentativa de compreender a experiência do outro, pois corpo e mundo fazem parte do mesmo campo ontológico, de modo que os sentidos daquilo que é vivenciado se dão no contato do corpo com um mundo de interações sociais (Macêdo, 2015). Portanto, o atolamento congênito do homem no mundo, justifica a necessidade da redução fenomenológica incompleta (Moreira, 2004).

Diante desses aspectos, as vivências de *cyberbullying*, enquanto experiências mundanas, são dotadas de sentidos em constante movimento. Assim, o sentido da experiência está sempre aberto a ser ressignificado pelo sujeito. A virtualização das relações estabelecidas pelos jovens parece implicar significações específicas, visto que a redução do contato presencial não anula os sentidos construídos e as percepções de si, do outro e da relação. Neste processo, o eu e o outro são modificados e carregam marcas do que foi vivido em suas histórias.

Metodologia

A pesquisa se caracteriza por um delineamento qualitativo, exploratório e descritivo sobre a experiência de vítimas e agressores com o *cyberbullying* em uma escola particular da cidade de Juazeiro-BA. Foi utilizada uma metodologia de cunho fenomenológico que coloca a experiência como foco de investigação, de modo que, através da sua descrição pelo sujeito que a vivencia, é possível objetificá-la (Macêdo & Caldas, 2011).

Os quatro adolescentes participantes deste estudo foram escolhidos a partir das suas respostas a um questionário sobre *cyberbullying* aplicado como parte de um projeto maior dos autores. Assim, participaram os jovens cujas respostas no questionário mais se aproximaram de vivências de *cyberbullying*, de acordo com os seguintes critérios: ter respondido que vivenciou situações próximas às caracterizadas como *cyberbullying* na posição de vítima e/ou agressor com uma permanência no

tempo igual ou superior a um ano. Foram excluídos da pesquisa os jovens que responderam aos questionários de forma inadequada.

Estes adolescentes foram convidados a participar de uma entrevista em profundidade nos moldes fenomenológicos, ou seja, priorizando a experiência do sujeito, colocando-se disponível para uma escuta ativa e estabelecendo a redução fenomenológica incompleta como forma de apreensão da experiência.

O instrumento utilizado foi uma pergunta disparadora, sem prejuízo de novas questões suscitadas durante a conversa. Após uma breve explanação sobre os objetivos da pesquisa, esclarecimento de dúvidas e estabelecimento de um vínculo que tornasse o momento mais confortável para o adolescente, a entrevista foi iniciada pela pergunta “Como foi a sua experiência com o fenômeno *cyberbullying*?”, intencionando colocar o sujeito em contato com as suas experiências e lhe permitir descrevê-las, facilitando aos pesquisadores alcançar o sentido delas (Amatuzzi, 2009). Durante todas as entrevistas com os estudantes, os pesquisadores buscaram estabelecer um ambiente confortável, respeitoso e empático que fosse favorável à manifestação das falas. As entrevistas tiveram duração média de 2 horas e foram gravadas em áudio.

Os colaboradores da pesquisa se dispuseram, voluntariamente, em colaborar com o estudo através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e obtiveram autorização dos responsáveis por meio de um Termo de Assentimento do Menor (TAM). Esta pesquisa foi aprovada pelo Sistema do Comitê de Ética em Pesquisa CEP-CONEP no dia 04 de abril de 2017, por meio do parecer 1.998.179 e está registrada sob o nº CAAE 63823317.2.0000.5196, respeitando as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos, a partir das Resoluções CONEP/MS 466/2012 e 510/2016. A pesquisa foi realizada no período de abril a dezembro de 2017.

Na análise dos resultados optamos por utilizar uma metodologia de análise fenomenológica de pesquisa baseada em alguns preceitos de Merleau-Ponty (1945/2011; 1984). Na pesquisa fenomenológica o pesquisador adota alguns pressupostos teóricos enquanto desconfiança no sentido de apontar possíveis caminhos que ajudem a compreender o fenômeno de estudo, uma vez que em uma abordagem merleau-pontyana a redução fenomenológica sempre será incompleta, pois as teorias, crenças e atitudes do pesquisador não poderão ser totalmente suspensas e interferirão no processo de pesquisa (Moreira, 2004).

A análise foi realizada em seis passos: 1) Registro das informações gravadas: após a realização das entrevistas, foi feita a transcrição na íntegra dos áudios registrados; 2) Leitura e compreensão dos relatos: foi feita a leitura integral de cada relato, várias vezes pelos pesquisadores, a fim de que se alcancem os significados da experiência de cada

sujeito; 3) Identificação das unidades de significado: foram identificadas as unidades significativas nas transcrições, destacando os trechos que remetem aos objetivos investigados a partir da compreensão sobre a experiência do participante. 4) Discussão sobre os sentidos das experiências: de posse das unidades de significado, os pesquisadores buscaram encontrar os sentidos presentificados na experiência relatada por cada sujeito. 5) Confirmação do sentido da experiência: após análise individual de cada narrativa, houve um novo encontro com cada participante a fim de apresentar a análise construída, de modo que pudesse confrontar as conclusões confirmando-as, alterando-as ou sugerindo alterações. 6) Síntese comum das narrativas: após essas análises, identificaram-se os significados em comum encontrados nas narrativas de todos os adolescentes colaboradores do estudo.

Resultados e Discussão

Para garantir o anonimato dos participantes, os nomes dos alunos foram substituídos por pseudônimos referentes a aspectos que parecem marcar suas experiências com o fenômeno *cyberbullying*, são eles: *Aceitação*, *Impulsividade*, *Raiva* e *Apatia*. Na tabela 1, é possível observar algumas informações específicas sobre estes adolescentes.

As experiências dos adolescentes com o fenômeno *cyberbullying* são bastante singulares. Chamamos atenção para o processo de transformação na percepção de si e da relação com o outro, pelo qual passaram durante e após as vivências de violência. Assumiram ora a posição de vítima, ora de agressor em uma busca sempre aberta de construção de sentidos e significados para a experiência.

Entre os sentidos compreendidos das experiências, destacam-se: a criação de estratégias de enfrentamento para lidar com o fenômeno; as intervenções insuficientes por parte da escola; a relação com pensamentos e ideação suicida; a mobilização de sentimentos associados às vivências; as repercussões sociais, educacionais e para a saúde física e emocional dos jovens; e as reflexões e mudanças após a experiência.

Assim, foi possível compreender que para lidar com o fenômeno da violência virtual e do *cyberbullying* os jovens desenvolveram estratégias variadas na tentativa de lidar com o problema, porém insuficientes para cessar as agressões. As estratégias de enfrentamento são compreendidas por Castillo (2010) como manejo de esforços para lidar com demandas específicas, em aspectos cognitivos ou comportamentais. Nesse sentido, elas atuam sobre as situações e os significados percebidos pelos sujeitos da experiência. Entre os jovens que participaram deste estudo, as estratégias utilizadas para a elaboração dos acontecimentos foram principalmente de evitamento, adaptação,

Tabela 1
Perfil dos colaboradores

<i>Colaboradores</i>	<i>Gênero</i>	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Período da Experiência</i>	<i>Meios Utilizados</i>	<i>Formas das Agressões nas Agressões</i>	<i>Posição na Experiência</i>
<i>Aceitação</i>	Feminino	15 anos	2º ano Ens. Médio	2011-2013 / 2014-2016	Facebook	Partilhas Pessoais Embaraçosas/ Mensagens Hostis/ Difamação	Vítima / Agressor
<i>Impulsividade</i>	Feminino	16 anos	2º ano Ens. Médio	2015 / 2016	Facebbok Whatsapp Instagram	Partilhas Pessoais e Embaraçosas/ Mensagens Hostis/ Lutas On-line / Difamação	Vítima / Agressor
<i>Raiva</i>	Masculino	16 anos	3º ano Ens. Médio	3013-2017	Jogos	Mensagens Hostis/ Lutas On-line / Trocas de Insultos	Vítima / Agressor
<i>Apatia</i>	Masculino	17 anos	3º ano Ens. Médio	2011-2013	Facebbok Whatsapp	Mensagens Hostis/ Exclusão / Difamação / Insultos	Vítima

confronto, ruptura e, em menor grau, de diálogo, proteção on-line, prevenção e ajuda a outras vítimas.

No que diz respeito às estratégias de evitamento, estas foram mais utilizadas pelos adolescentes Aceitação e Apatia, que vivenciaram o *bullying* e o *cyberbullying* de maneira isolada, pois esses jovens esconderam da família o que estava ocorrendo, tentaram ignorar o fato e os agressores. Com frequência, eles também evitaram ir à escola, fonte das agressões que continuavam na internet. Porém, reconhecem que essas estratégias foram limitantes e não colaboraram para a resolução do problema.

Eu não queria ir mais para a escola, ficava, eu nunca contei aos meus pais tudo que eu passava em escola, nada, nunca contei a ninguém... Às vezes, eu contava para alguém que estudava comigo porque via né, mas (...). E, às vezes, é

preciso você tomar uma iniciativa sobre a que, que às vezes é muito sério. (...) e às vezes eu não tomava (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Era um atraso, porque eu não queria ir pro colégio. Fazia de tudo para chegar atrasado. (...) o povo tirava onda comigo, eu chegava em casa chorava. (...) eu meio que me isolava mais, eu num respondia, eu nunca contei pra ninguém das coisas. (Apatia, comunicação pessoal, 25 de agosto de 2017).

Nessa pesquisa, também foi possível perceber uma participação limitada dos atores educacionais em intervenções relacionadas ao *cyberbullying*. O receio dos jovens Aceitação e Apatia em buscar suporte na escola parece estar associado a uma

crença de que a escola não pode fazer muita coisa a respeito, ou o que é feito é insuficiente para lidar com o problema. Como pode ser visto nas falas a seguir: “A coordenadora conversou com ela, chamou a mãe dela aqui, se eu não me engano. Tirou o print, tirou assim... imprimiu o que as pessoas tinham postado na internet (...) mas não funcionou, porque ela continuou fazendo” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017); “O pessoal da escola, eles nunca fizeram nada [risos], se percebeu, nunca fizeram nada. (...) e falando sinceramente, questão de palestra não resolve nada. Tiro isso pelo povo da minha sala e tal” (Apatia, comunicação pessoal, 25 de agosto de 2017).

Assim, no âmbito da equipe escolar, há necessidade de formação e treinamento de seus atores sobre este fenômeno para que possam sentir-se preparados para adotar uma postura ativa na identificação e resolução dos conflitos, orientação e enfrentamento ao problema. Shariff (2011) aborda o desafio que as TICs trazem para os educadores e enfatiza o despreparo dos profissionais sobre como lidar na escola com repercussões de algo que acontece on-line. Já Santander (2013) e Caetano, Freire, Veiga Simão, Martins e Pessoa (2016), destacam a importância do treinamento dos adultos sobre o funcionamento das TICs e do investimento na educação socioemocional desde a primeira infância.

Em nosso estudo, os adolescentes apresentaram sugestões de ações que poderiam ser feitas pela escola para prevenir o *bullying* e o *cyberbullying*. Desse modo, abrir espaço para ouvi-los e permitir que atuem como coprodutores de propostas e projetos compatíveis com suas visões de mundo e suas realidades, talvez seja um caminho inicial para efetivamente produzir efeitos significativos sobre a experiência de quem passa pelo problema. Porém, estes jovens parecem acreditar ser mais efetivo a atuação da família na prevenção, com educação em valores e orientação desde a infância sobre o respeito aos outros, a convivência com a diferença e as formas de conduta saudáveis: “Eu acho que o mais que tem que ser feito é, sei lá, essas pessoas que sofrem agressão falar e os pais em si educarem seus filhos a não fazerem isso” (Apatia, comunicação pessoal, 25 de agosto de 2017); “Mas isso é uma coisa, assim, que vem de casa, essa, essa educação, essa coisa, sabe? De você pensar no próximo. Então, se ela não teve em casa não é aqui que ela vai aprender” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Esses resultados podem ser confrontados com a pesquisa de Campbell (2005) que constataram dificuldades nas vítimas em denunciarem seus agressores por acharem que os adultos não acreditariam ou banalizariam suas queixas. Além disso, Aricak et al. (2008) concluem que apenas 25% dos jovens que sofrem *cyberbullying* conversam com os pais ou com amigos sobre os acontecimentos e, destes, apenas

30,6% alcançam alguma solução para a situação. Já um estudo realizado por Li, Cross e Smith (2012) demonstrou que 45% dos jovens que contaram a um adulto que sofriam *cyberbullying* relataram que as agressões pioraram após a denúncia. Por outro lado, João, João e Portadela (2011) encontraram que 93,8% das vítimas de *cyberbullying* apresentavam necessidade de compartilhar as agressões sofridas e 55,3% deles o faziam com pessoas amigas.

Em nosso estudo, a busca por ajuda ocorreu de um modo mais indireto. As jovens Aceitação e Impulsividade utilizaram as crenças e religiosidade para obter suporte. Para Impulsividade, a religiosidade funcionou como uma forma de mudança, em suas ações, de uma postura mais agressiva para uma postura de ajuda ao outro. Já para Aceitação, funcionou como uma forma de conforto diante do sofrimento, mas colaborou também para a manutenção de uma postura passiva diante das agressões.

Mas eu tenho que pagar por isso entendeu. É... porque no espiritismo é assim. Você faz uma coisa, você machuca alguém, você faz uma boa ação, entendeu? Para que aquela pessoa perdoe. Como eu te machuquei, a próxima pessoa que eu ver se machucando, eu vou tentar fazer alguma coisa, sabe, para que isso não aconteça novamente (Impulsividade, comunicação pessoal, 11 de agosto de 2017).

E se você pensar muito pelo lado de Jesus, da compaixão, daquela coisa... porque, na minha concepção, assim, se até ele foi julgado, por que nós não, né?! (...) por um lado foi ruim também, porque você fica muito confortável, não toma iniciativa. Porque às vezes é preciso (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Ademais, para Aceitação e Apatia sentirem-se incluídos em um grupo era algo importante e sofriam por serem vistos de um modo diferente. Desse modo, chegaram a tentar se adaptarem aos padrões exigidos socialmente, sejam fisicamente ou no comportamento. Porém, sem efeito para reduzir as agressões. “Quando eu molhava meu cabelo eu sempre lambia assim sabe... prendia. Minha mãe ficava: – Menina, solta o cabelo solta, não sei o quê. – O cabelo, seu cabelo tão bonito. E eu nunca queria... para as pessoas não falarem” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017); “Quando alguém, uma pessoa ia falar comigo, eu meio que mudava o meu jeito, eu mudava tudo porque eu pensava: – Eu vou fazer, né, algum amigo e tal. Só que eu, eu meio que... acabava me afastando de novo” (Apatia, comunicação pessoal, 25 de agosto de 2017).

É interessante ressaltar que estes também

foram os dois adolescentes que, com a permanência das agressões on-line e presenciais, passaram com o tempo a desenvolver pensamentos e ideação suicida. Isso nos leva a pensar que a ausência de uma rede de apoio e de espaços de escuta, associada ao sofrimento mobilizado pelas agressões, e estratégias de enfrentamento e de autocuidado deficientes para lidar com o problema, possam ter funcionado como potenciais fatores de risco ao suicídio.

Era só... tristeza mesmo. (...) eu morava no quarto... ou era quinto andar. Aí, então... já a queda ali. Aí eu pegava, sentava na janela e ficava olhando lá pra baixo. Só que eu não tinha coragem. Já peguei faca, já peguei gillette. Nunca... eu ficava mesmo querendo mesmo entende? (Apatia, comunicação pessoal, 25 de agosto de 2017).

Não, eu só tinha vontade de morrer mesmo, vontade de morrer, muita vontade de morrer. (...) eu fui até para a orla ali... pensei em subir na ponte... só que nesse dia eu encontrei minha tia (...). Peguei uma faca e tentei, cheguei a ir para frente do espelho e ficar assim sabe, com ela aqui no pescoço. Muito tempo olhando para ela. Mas alguma coisa me dizia que não, não faz isso, sabe? (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Associar dois fenômenos tão complexos quanto o suicídio e o *cyberbullying* torna-se uma tarefa difícil. Olweus (1997), em seus estudos sobre *bullying* já identificava que para algumas vítimas o suicídio aparecia como a única possibilidade de solução do problema. Santander (2013) afirma que o *cyberbullying* é frequentemente associado ao suicídio de adolescentes, mas considera que ele raramente é o único fator identificado como causa. Nesse sentido, é necessário considerar que outros aspectos da dinâmica pessoal do sujeito, como história de vida, aspectos ambientais e socioculturais, personalidade e existência de psicopatologia anterior, serão importantes na avaliação de risco do suicídio (Botega, 2015). Em nosso estudo, observou-se que em um determinado ponto de suas experiências, a dor, a angústia e a ausência de suporte para lidar com as agressões on-line e presenciais os fizeram os adolescentes Aceitação e Apatia considerarem a morte como forma de cessar o sofrimento.

Assim, chama atenção em nosso estudo o fato de os participantes que apresentaram ideação suicida serem aqueles que tiveram uma postura mais passiva diante das agressões e não contaram com suporte social para solucionar o problema. Kleiman, Riskind e Schaefer (2014) colaboram ao argumentar sobre a importância do apoio social no *cyberbullying*, que pode funcionar como um fator de proteção ao suicídio, uma vez que fortalecem

os sentimentos de pertença nos jovens, que estão negativamente associados ao risco de suicídio.

Para Aceitação, um caminho para sair desse ciclo foi o pensar na família, especialmente nos pais. Imaginar a tristeza que poderia causar para eles parecia impedi-la de concretizar seu ato. Já para Apatia, ao tentar se proteger da dor, parece ter reduzido sua sensibilidade afetiva, de modo que, quando pensava na sua própria morte, não se questionava sobre como isso repercutiria em seus familiares ou no ambiente social.

Diante desse cenário, deve-se pensar em aspectos protetivos em relação ao suicídio entre os jovens. Sobre isso, Botega (2015) mostra a importância de fatores como: integração e bons relacionamentos grupais, adesão a valores e normas sociais, prática religiosa e outras práticas coletivas, rede social que propicia apoio prático e emocional, e disponibilidade de serviço de saúde mental. Assim, considera-se a importância do estabelecimento de uma rede de apoio significava entre os diversos atores sociais, como família, educadores, profissionais de saúde e sociedade em geral.

Outra estratégia utilizada pelos jovens foram as de confronto ao agressor on-line ou presencialmente. No caso de Raiva e Impulsividade, estes entravam em confronto mais hostis com os agressores, espécies de lutas on-line nas quais parecem estar envolvidas relações de poder, necessidade de revidar ou ter suas ideias aceitas: “Tem muito esse negócio de você... dar o troco pela coisa que outra pessoa fez. Porque tipo, aquela, aquela famosa frase: – Foi ele que começou. Então, ele que começou, eu vou rebater. Era mais ou menos isso” (Raiva, comunicação pessoal, 17 de agosto de 2017); “É só ganhar o debate né, praticamente é um debate. Se você ganhar, tá tudo bem. (...) Até várias pessoas concordarem comigo” (Impulsividade, comunicação pessoal, 11 de agosto de 2017).

Tal aspecto é explicado por Erdur-Baker (2015) pelo fato de que, no ambiente virtual, há maior sensação de liberdade e menor inibição de suas emoções, de modo que os jovens podem se sentir mais à vontade para revidar as agressões do que em outras formas de violência. A pesquisa de Souza, Veiga, Simão e Caitano (2014) demonstra a avaliação negativa dos jovens sobre atitudes de confronto aos agressores, pois apenas 2,54% deles responderam que as vítimas deveriam confrontar os agressores, enquanto avaliaram como comportamentos mais adequados contatar uma autoridade policial (41,5%) e pedir ajuda a alguém de confiança (35,5%).

Na pesquisa de García-Maldonado et al. (2012), apenas 1,3% de sua amostra reconheceu ser ao mesmo tempo vítima e agressor no ciberespaço. Em nossa pesquisa, três dos quatro adolescentes assumiram-se enquanto agressores. É possível que a abertura dos jovens para falar sobre suas ações tenha sido facilitada pela relação constituída

entre os pesquisadores e os adolescentes, pois compreendemos escuta fenomenológica como um veículo de contato com o outro e de desenvolvimento de sentidos e significados na experiência compartilhada. A escuta envolve os sujeitos com todas as suas bagagens existenciais e, na relação com o outro, é possível reconhecê-lo como distinto de um objeto (Abreu & Pedron, 2011).

Vale ressaltar ainda as estratégias de ruptura utilizadas por Raiva nos momentos em que algo lhe incomodava durante as partidas nos jogos on-line. Nesse sentido, utilizar os mecanismos disponíveis no jogo para romper o contato com o agressor passou a ser uma forma de evitar entrar em confronto direto, cessando as agressões no momento em que elas iniciavam. Porém, essa estratégia não foi totalmente efetiva, pois o sentimento de raiva associado às agressões continuou existindo.

Mas no jogo tem um mecanismo, por exemplo, de você, por exemplo, mutar [*desativar o bate-papo*] o chat da outra pessoa. Aí meio que ela não pode falar com você. Só que, às vezes, mesmo quando você muda o chat, você sente que ela tá fazendo alguma coisa. Aí você fica com vontade de tirar esse mute para ver o que ela tá falando, só de raiva [*risos*] (Raiva, comunicação pessoal, 17 de agosto de 2017).

Esse participante demonstrou ser o que mais conhecia e usava mecanismos de proteção on-line. Na pesquisa de Rondina, Moura e Carvalho (2016), as estratégias on-line de ruptura são pouco consideradas pelos participantes, sendo as estratégias off-line e vinculadas às dimensões sociais e psicossociais aquelas vistas como mais relevantes. Já a pesquisa de Campos (2009) encontrou uma relação moderada entre o tempo despendido on-line, o uso de estratégias de segurança on-line e o fato de ser *cyberbully*.

Se pensarmos que jovens como Raiva tendem a passar bastante tempo on-line em jogos, e considerando as características presentes nos jogos como competitividade, pressões e agressividade, a postura dele parece estar relacionada a suas percepções das trocas no ambiente virtual, que afetam sua experiência e resultaram em estratégias de ruptura. Rondina et al. (2016) consideram como válidas estratégias de ruptura face aos agressores, evitando o envolvimento, o incentivo ou mesmo ignorando as provocações.

Outra estratégia a ser mencionada refere-se à ajuda a outras vítimas, utilizada por Impulsividade. Após refletir sobre sua experiência, iniciou um processo de mudança em suas formas de relacionamento. Desse modo, passou a intervir em situações de violência, na defesa da vítima. Porém, com isso passou a se envolver também em embates com outros agressores, de modo a dar continuidade

às agressões, ao invés de cessá-las: “EU ME METO SABIA? Eu me, eu ainda acho, eu não sei se isso é um erro. Se eu ver que alguém tá querendo humilhar outro EU ME METO. (...) Eu não gosto de ver isso não” (Impulsividade, comunicação pessoal, 11 de agosto de 2017).

As estratégias de suporte e ajuda a vítimas também aparecem no estudo de Rondina et al. (2016), porém, o que aparece como positivo são atitudes de ajuda direta como ouvir, dialogar, não recriminar e de ajuda indireta como facilitar a construção de uma rede de apoio incluindo profissionais, familiares e amigos, assim como dar suporte para a execução das medidas necessárias (Rondina et al., 2016).

Nesse contexto, é visível o sofrimento envolvido nas experiências de intimidação on-line, em sua maioria decorrente da continuidade da violência presente no ambiente escolar. Entre os sentimentos presentes nas experiências dos jovens estão: o aumento da irritabilidade e do nível de estresse e raiva; prazer e satisfação no sofrimento do outro; necessidade de inferiorização do outro; tristeza; inutilidade; exclusão; vergonha; medo; culpa; ansiedade; e frustração.

O aumento da irritabilidade, do nível de estresse e da raiva estão presentes nas experiências dos adolescentes Raiva, Impulsividade e Aceitação. Observamos que se sentem desta forma, além de lhes causar sofrimento, colaborou para uma redução da tolerância e, conseqüentemente, o aumento do comportamento agressivo em relação aos outros: “Uma coisa que eu sempre percebo é que eu sempre consigo ficar estressado uma vez ou outra. Eu posso ficar dois meses inteiros sem ficar estressado, mas sempre vai ter aquela vez que você fica estressado” (Raiva, comunicação pessoal, 17 de agosto de 2017).

Eu, tomei... uma, raiva da cara dela e não queria mais falar. (...) eu chegava a me descabelar (...). Olha, isso aqui foi por causa dela [*mostra o celular com a tela trincada*]. Isso aqui foi por causa dela que eu joguei meu celular na parede e tudo (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

É interessante mencionar as especificidades das percepções vivenciadas em jogos on-line, pois no campo da experiência do adolescente Raiva, as atitudes e os comportamentos agressivos nos jogos são vistos como naturais, de modo que a violência parece ser compartilhada e validada pelo grupo por meio de xingamentos, depreciação da imagem do outro, hostilidade entre os jogadores. Bottino, et al. (2015) demonstraram o aumento dos níveis de estresse emocional e raiva entre os atores envolvidos com o *cyberbullying*, especialmente quando há contato off-line com o agressor.

Tornando-se agressores, os adolescentes parecem sentir dificuldade em se colocar no lugar das

vítimas, de modo que parece haver certa satisfação diante do sofrimento do outro, perpetuando assim, o ciclo da violência.

Era tipo aquele prazer no ódio. Você tinha, é... aquele gosto de ver a outra pessoa sofrer. De tanto que você sofreu ela tem que sofrer também (...). Aí você meio que se esquece da realidade e fica alimentando esse sentimento de ódio (Raiva, comunicação pessoal, 17 de agosto de 2017).

Na época, eu fiquei: – Essa safada vai me pagar! Só pensei isso e eu falei a ela: – No dia que eu tiver oportunidade de mostrar para sua mãe eu mostro! (...) Eu não senti nada. Fiquei foi dando risada. (...) Ainda quando eu vim estudar aqui, ainda chamava ela de Maria Nudes, na frente dela (Impulsividade, comunicação pessoal, 11 de agosto de 2017).

No estudo realizado por Caetano, et al. (2016), foi observado que a satisfação (32,6%), a indiferença (28%) e o alívio (26,5%) foram os sentimentos mais vivenciados pelos agressores, o que para eles é considerado indicativo da dificuldade dos agressores em sentir empatia pelas vítimas. Porém, vale destacar que essa mesma pesquisa encontrou níveis de arrependimento em 13,6% dos participantes e de culpa em 10, 6% deles. Nessa direção, em nossa pesquisa, foi possível constatar nos relatos dos adolescentes momentos de aproximação e distanciamento da perspectiva do outro, de modo que, após a experiência com o *cyberbullying*, eles puderam refletir e ressignificar suas experiências, inclusive enquanto agressores, havendo mudanças nos modos de pensar e agir, abrindo espaço para a emergência de sentimentos como culpa e arrependimento.

Os sentimentos de tristeza, vergonha, inutilidade e a sensação de ser excluído também estão presentes nas experiências dos participantes, de modo que parecem afetar aspectos como a autoestima e o relacionamento com o outro. Tais sentimentos aparecem tanto diante da vitimização como no comportamento agressivo: “Você se sente envergonhado demais pelo que você fez, que você prejudicou uma pessoa... Essa pessoa podia ter tomado uma atitude como a que eu pensava na época, de me matar... eu podia ser responsável por isso” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Tristeza... porque eu, eu não entendia porque as pessoas faziam aquilo. O que é que tinha de mais na foto... não tinha nada. (...) eu me sentia muito, muito mal, porque... sei lá, um negócio assim que você consegue explicar... você se sente muito INÚTIL [voz embargada] (...) muito inútil, muito (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Em nosso estudo, evidencia-se que mesmo quando ocuparam papéis de agressores, estes sentimentos estão presentes nos jovens, especialmente quando possibilitados a refletir sobre suas atitudes e as repercussões de suas ações para com o outro. Na literatura, encontramos resultados diferentes no sentido de que, em geral, a tristeza e a rejeição são mais comumente atribuídas às emoções das vítimas (Gualdo et al., 2015). De forma semelhante, Caetano et al. (2016) também relataram a tristeza como prioritário nas vítimas, mas acrescentaram também a vontade de vingança, a raiva e o medo como aspectos frequentes.

No presente estudo, o medo aparece em expectativa ao comportamento do outro na relação, seja medo do julgamento e da rejeição do outro, como no caso de Aceitação, seja medo de que as agressões se repitam em um novo contexto, como no caso de Apatia, ou mesmo o medo de que a violência passe para o nível físico, como no caso de Impulsividade: “Tipo, meio que me doía por que meio que/ meio que me lembrava lá e aí eu pensava que poderia acontecer aqui de novo” (Apatia, comunicação pessoal, 25 de agosto de 2017).

Medo ... do que os meus pais podiam pensar, o que eles podiam fazer... de que o que eles fizessem as pessoas pudessem não gostar, sabe de... um exemplo... eu tomar alguma medida, se não os meus pais e eles falarem: – ah besteira... por que você está fazendo isso? (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017)

Na literatura sobre *cyberbullying*, o medo aparece associado às agressões, impedindo as vítimas de fazerem denúncias ou procurar ajuda de terceiros. Prieto et al., (2015), por exemplo, demonstraram que além do medo, existem desconfiança e paranoia em relação ao acesso e à alteração por parte do agressor de conteúdos pessoais, o que não pode ser constatado em nossa pesquisa. García-Maldonado et al. (2012), por sua vez, constataram que 13% das cibervítimas têm medo dos ciberagressores. O medo também aparece nos estudos de Rincón Rueda e Ávila Díaz (2014) e de Gualdo et al. (2015) como um aspecto subjetivo da experiência com o *cyberbullying* que leva os jovens a evitarem expressar qualquer evidência de ataque.

Vale destacar ainda o sentimento de culpa que parece estar presente na experiência de Impulsividade e Apatia. Mais uma vez, a culpa aparece tanto no comportamento do agressor como da vítima. O primeiro, quando se sente responsável pelo sofrimento causado ao outro, como relata Impulsividade, e o segundo, quando a própria vítima se sente responsável pelas agressões sofridas, como demonstra Apatia: “Eu sinto que ela, tipo, que eu deveria pedir perdão a ela sabe. Que eu ia, ia ser um peso a menos para mim. Porque eu sei que,

que eu, eu quero o perdão dela” (Impulsividade, comunicação pessoal, 11 de agosto de 2017); “Às vezes, quando eles brigavam eu achava que a culpa era minha. Porque e/ eles não gostavam de mim” (Apatia, comunicação pessoal, 25 de agosto de 2017).

Entre as repercussões da experiência que parecem permanecer a médios e longos prazos, podemos citar os sinais de ansiedade apresentados por Raiva e Aceitação, assim como as reações corporais decorrentes dela. “Não tenho muito controle sobre os meus nervos. Quando eu estou muito nervosa, alguma coisa, eu começo a me tremer INTEIRA, aí é o corpo inteiro.” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Aí tipo... uma coisa que você percebe quando você começa a ficar ansioso é que, tipo, você tá jogando e você começa a apertar muito rápido os botões. Tipo, um negócio muito desnecessário. (...) por exemplo, eu já cheguei uma vez, isso foi a há muito tempo atrás, eu me senti tão estressado que eu bati minha cabeça... na mesa. (Raiva, comunicação pessoal, 17 de agosto de 2017).

Sobre esse aspecto, vários estudos têm apontado o risco de desenvolvimento de psicopatologias associadas ao *cyberbullying*, entre as quais se destaca a ocorrência de estresse, ansiedade, depressão e ideação suicida (Campbell, 2007; Arıcak, 2009; Schenk & Fremouw, 2012). No mesmo sentido, João et al. (2011) demonstram a incidência de choro (71,4%), ansiedade (57,1%), dificuldade de concentração (57,1%) e pesadelos (57,1%) entre os jovens envolvidos com o *cyberbullying*. Além disso, as vítimas, expostas a situações de humilhações e agressões psíquicas ou físicas, podem manifestar violência ao agressor ou a outras pessoas do meio social (Azevedo, Miranda & Souza, 2012).

Na presente pesquisa, estes adolescentes parecem demonstrar incômodo com possíveis alterações em seus estados emocionais, oscilando entre momentos de bem-estar, outros de angústia e irritação, que parecem repercutir nas formas de relacionamento social: “E social também, porque quando você se estressa no jogo você acaba ficando mais agressivo com as outras pessoas. Até as pessoas que você, que você mora junto” (Raiva, comunicação pessoal, 17 de agosto de 2017); “Eu sou uma pessoa muito diferente hoje. Qualquer coisinha eu já estou... desesperada, hã... chorando, sabe [risos]. Como, como eu já disse, eu não sei lidar bem com as coisas, e essa é a forma que eu encontro” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Uma pesquisa de Went e Lisboa (2013) demonstrou essa dificuldade no fato de 25% das vítimas de *cyberbullying* não buscarem acompanhamento por profissional de saúde. Em nosso estudo, as participantes Aceitação e

Impulsividade chegam a relatar sobre a importância do acompanhamento de um profissional para lidar com a dimensão psicossocial dos *cyberbullying*: “Porque eu acho que eu, eu sozinha não estou conseguindo mais lidar, que eu nunca consegui, né?! Mas está chegando ao ponto assim de... está prejudicando muito” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

Ademais, os adolescentes Aceitação e Raiva demonstraram que a experiência de *cyberbullying* trouxe interferências em seus desempenhos educacionais, relacionadas à atenção e concentração diante das exigências educativas, levando Aceitação a sentir-se impotente e incapaz e Raiva a se isolar socialmente: “Mesmo com os problemas eu conseguia ser uma aluna exemplar ainda. Depois disso... eu sinto aquela vontade, mas eu não consigo ter foco nem motivação. Sabe aquela coisa, eu me saboto” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017).

E tipo, o próprio estresse do jogo muda, muda o seu emocional de um ponto que você nem percebe. Tipo você, por exemplo, a sua relação escolar mesmo você... Tá mais recluso a querer falar com outras pessoas, mais estressado (Raiva, comunicação pessoal, 17 de agosto de 2017).

Outro aspecto relevante a mencionar é que o espaço da entrevista funcionou também como modo de acolhimento e trocas intersubjetivas que parecem ter facilitado a ressignificação de algumas vivências por parte dos participantes. A adolescente Impulsividade, por exemplo, contou que, após a entrevista, conseguiu conversar com a garota a qual havia exposto fotos íntimas na internet e pedir desculpas. A participante firma que pedir perdão foi libertador para o seu processo de mudança e amadurecimento pessoal.

Eu fiquei normal com F1¹, mas ela, ela deve sentir alguma coisa, eu tenho certeza. E eu digo que eu tenho que chegar nela e pedir desculpas, porque às vezes é só isso que ela precisa. (...) às vezes, até ela deve ter se culpado pelo que ela fez, sendo que a culpa não é dela (Impulsividade, comunicação pessoal, 11 de agosto de 2017).

Os relatos dos adolescentes demonstram mudanças nas formas de pensar, se comportar e se relacionar, desde o início de suas experiências com o *cyberbullying* até o momento atual. Aceitação, por exemplo, agora parecia refletir sobre si e analisar criticamente suas atitudes e comportamentos. Houve ainda uma mudança de perspectiva em Raiva, que a partir da experiência, parecia estar progredindo

1 F1: letra e número substituem o nome da adolescente citada pela participante.

no sentido do autocontrole nos jogos on-line: “Uma necessidade muito grande de ser aceita, mas eu vejo que isso hoje em dia não é necessário... é você ser quem você é” (Aceitação, comunicação pessoal, 09 de agosto de 2017); “Mas, com o passar do tempo, eu fui melhorando e hoje em dia eu não tenho mais esse tipo de comportamento. Eu só fico estressado, mas xingar ninguém eu não vou xingar não” (Raiva, comunicação pessoal, 17 de agosto de 2017).

É importante ressaltar que na perspectiva fenomenológica, o ser humano é o seu corpo, e toda relação constituída com o mundo se dá através do corpo. Assim, pensamentos, sentimentos, percepções, ações, estratégias mobilizadas, tudo isso se dá pelo corpo, um corpo que está em contato eminente com outros corpos e é afetado por eles e pelo mundo. Diante de todos esses aspectos, consideramos que a experiência com o *cyberbullying* pode trazer para o sujeito riscos à manutenção da saúde e do bem-estar e os modos como se lida com a experiência irá direcionar as afetações e significados construídos.

Considerações Finais

A partir dos relatos dos adolescentes entrevistados, foi possível nos aproximar das afetações, estratégias, repercussões e significados atribuídos as experiências de *cyberbullying*. Neste contexto, os adolescentes Aceitação e Apatia utilizam mais estratégias de evitamento e tentativa de adaptação ao contexto social, já Impulsividade e Raiva atuaram mais pela via do confronto.

Em momentos específicos das experiências, surgiram iniciativas no sentido do diálogo, da proteção on-line, de medidas preventivas, de tentativas de ruptura e até mesmo de ajuda a outras vítimas. Essa dinâmica nos faz pensar no movimento destes adolescentes no campo da experiência, construindo e reconstruindo perspectivas constantemente, na busca de sentido e significado em meio às relações com o mundo.

Assim, as experiências com o *cyberbullying* foram perpassadas por sofrimentos, angústias e sentimentos diversos, alguns dos quais já mencionados na literatura. Porém, destacamos como diferencial deste estudo a possibilidade de compreender estes processos humanos de uma forma profunda, a partir do enfoque fenomenológico. Assim, a irritabilidade, o estresse, o prazer, a tristeza, a vergonha, o medo, a culpa, a frustração, entre outros sentimentos mobilizados pelos jovens, puderam ser compreendidos no campo de suas experiências, diante daquilo que para eles fazia sentido naquele momento e que puderam, ao longo do processo, ressignificar.

Como limitações deste estudo, consideramos a restrição ao contexto específico de uma escola particular e a inclusão de apenas quatro adolescentes

na amostra, especificamente estudantes do ensino médio, porém, com o ganho de aprofundar a compreensão de suas experiências. Nesse sentido, sugerimos como pesquisas futuras, estudar as experiências de *cyberbullying* com estudantes do ensino fundamental I e II, compreender as experiências de jovens também de escolas públicas, assim como abranger o campo de estudo para outras cidades da região do Vale do São Francisco, a fim de verificar especificidades locais e aspectos culturais da experiência. Outras pesquisas podem ainda focalizar numa compreensão fenomenológica das experiências de *cyberbullying* associadas ao comportamento suicida.

Este estudo contribui com o debate científico sobre o *cyberbullying* e enriquece o aporte teórico em estudos fenomenológicos na interface saúde-educação. Como possível desdobramento prático, consideramos a possibilidade de colaborar com a construção de atitudes preventivas, estratégias de cuidado à saúde e de enfrentamento efetivas para lidar com o *cyberbullying*.

Inexoravelmente, é difícil atualmente viver alheio às inovações tecnológicas e às características da sociedade que nos é apresentada. O desafio é, no campo da experiência, desenvolver um olhar para a coletividade, para o suporte mútuo, sensível ao outro e ao mundo. O acolhimento, a escuta, a ajuda, o desenvolvimento de um pensamento crítico e o uso consciente das tecnologias e de todos os potenciais que elas dispõem podem fazer toda a diferença no caminho para o enfrentamento do *cyberbullying*.

Referências

- Abreu, E.M.; Pedron, D.A. (2011). Por uma escuta que possa “corporar”. *Revista Modus.*, 6(8), p. 57-69. Recuperado de: revista.uemg.br/index.php/modus/article/download/749/466
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Campinas: Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Arıcak, O. T. (2009). Psychiatric symptomatology as a predictor of cyberbullying among university students. *Eurasian Journal of Educational Research*, 34(1), 167-184. Recuperado de: <http://www.ejer.com.tr/0DOWNLOAD/pdf/eng/1132989405.pdf>
- Azevedo, J.C.; Miranda, F.A.; Souza, C.H.M. (2012). Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do ciberbullying no contexto da escola. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 35(2), pp. 247-265. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n2/13.pdf>

- Botega, N.J. (2015). *Crise Suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed, p. 302.
- Bottino, S.M., Bottino, C.M., Regina, C.G., Correia, A.V., Ribeiro, W.S. (2015). Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. *Cad Saude Publica*, 31(3), pp.463-75.
- Caetano, A. P., Freire, I., Veiga Simão, A. M., Martins, M. J. D., & Pessoa, M. T. (2016). Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses. *Revista Educação e Pesquisa*, 42(1), 199-212. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201603138125>
- Campos, M. (2009). *O Cyberbullying. Natureza e Ocorrência em Contexto Português*. (Dissertação de mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. Recuperado de: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1884/1/O%20Cyberbullying%20em%20Contexto%20Portugu%C3%AAs%20-%20Mariana%20Campos.pdf>
- Campbell, M. (2005). Cyberbullying: An old problem in a new guise? *Australian Journal of Guidance and Counseling*, 1(15), 68-76. Recuperado de: <https://eprints.qut.edu.au/1925/1/1925.pdf>
- Campbell, M.A. (2007). *Cyber bullying and young people: Treatment principles not simplistic advice*. Recuperado de: <https://eprints.qut.edu.au/14903/1/14903.pdf>
- Castillo, A. E. (2010). Estudio descriptivo de las estrategias de afrontamiento del bullying, em professorado mexicano. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 8(1), 353-372. Recuperado de: <http://www.investigacion-psicopedagogica.org/revista/new/ContadorArticulo.php?426>
- Erdur-Baker, O (2015). Cyberbullying and its correlation to traditional bullying, gender and frequent and risky usage of internet-mediated communication tools. *New Media & Society*, 12(1),109–125.
- Faria, A.C.G.M. (2014). *Suicídio na Adolescência*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Recuperado de: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1831/1/ANA%20CRISTINA%20GOMES%20MARQUES%20DE%20FARIA.pdf>
- García-Maldonado, G., Martínez-Salazar, G.J., Saldívar-González, A.H., Sánchez-Nuncio, R., Martínez-Perales, G.M., & Barrientos-Gómez, M.C. (2012). Factores de riesgo y consecuencias del cyberbullying en un grupo de adolescentes. Asociación con bullying tradicional. *Boletín médico del Hospital Infantil de México*, 69(6), pp. 463-474. Recuperado de: <http://www.scielo.org.mx/pdf/bmim/v69n6/v69n6a7.pdf>
- Gualdo, A. M. G., Hunter, S. C., Durkin, K., Arnaiz, P., & Maquilón, J. J. (2015). The emotional impact of cyberbullying: Differences in perceptions and experiences as a function of role. *Computers & Education*, 82, 228-235. <http://dx.doi.org/10.1016/j.compedu.2014.11.013>
- João, A.S.S., João, B.M.S., & Portelada, A.F.S. (2011). Cyberbullying: a agressão através das novas tecnologias. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), pp. 127-134. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349832329012>
- Kleiman, E.M., Riskind, J.H., & Schaefer, K.E. (2014). Social support and positive events as suicide resiliency factors: examination of synergistic buffering effects. *Arch Suicide Res*, 18(2), pp. 144-55. [doi: 10.1080/13811118.2013.826155](https://doi.org/10.1080/13811118.2013.826155).
- Li, Q., Cross, D., e Smith, P.K. (orgs.). (2012). *Cyberbullying in the Global Playground: Research from International Perspectives*. Oxford, UK: Wiley-Blackwell.
- Macêdo, S.M. V. M., & Caldas, M.T. (2011). Uma análise crítica sobre técnicas de pesquisa fenomenológica utilizadas em psicologia clínica. *Revista do Nufen*, 3(1), pp. 3-16. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v3n1/a02.pdf>
- Macêdo, S. M. V. M. (2015). *Clínica Humanista-Fenomenológica do Trabalho; a construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*. Juruá Editora Psicologia. Recife-PE.
- Merleau-Ponty, M. (1984). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes (Originalmente publicado em 1945).
- Melo, A. K. S., & Moreira, V. (2008). Fenomenologia da queixa depressiva em adolescentes: um estudo crítico-cultural. *Aletheia*, 27(1), 51-64. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n27/n27a05.pdf>
- Moreira, V. (2004). O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 447-456. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: Facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, 12(4), 495-510. Recuperado de: [http://www.episcenter.psu.edu/sites/default/files/news/Olweus%20\(1997\)%20Bully-victim%20problems%20in%20school.pdf](http://www.episcenter.psu.edu/sites/default/files/news/Olweus%20(1997)%20Bully-victim%20problems%20in%20school.pdf)

Patchin, J. W., & Hinduja, S.(2006).Bullies Move Beyond the Schoolyard: A Preliminary Look at Cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 148-169. Recuperado de: https://www.researchgate.net/profile/Sameer_Hinduja/publication/258201014_Bullies_Move_Beyond_the_Schoolyard_A_Preliminary_Look_at_Cyberbullying/links/5876992208aebf17d3b9a31d/Bullies-Move-Beyond-the-Schoolyard-A-Preliminary-Look-at-Cyberbullying.pdf

Prieto, M.T, Carrillo, J.C., & Lucio, L.A. (2015). Violencia virtual y acoso escolar entre estudiantes universitarios: el lado oscuro de las redes sociales. *Innovación Educativa*, 15(68). Recuperado de: <http://www.scielo.org.mx/pdf/ie/v15n68/v15n68a4.pdf>

Rincón Rueda, A. I. y Ávila Díaz, W. D.(2014). Simbiosis vital para describir el ciberbullying en Colombia. *Revista Científica General José María Córdova*, 12(14), pp. 149-164. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=476247222009>

Rondina, J.M., Moura, J.L., & Carvalho, M.D. (2016). Cyberbullying: o complexo bullying da era digital. *Re. Saúd. Digi. Tec. Edu*, 1(1), 20-41. Recuperado de: <http://periodicos.ufc.br/resdite/article/view/4682/3485>

Santander, A.S. (2013). Formar para laciberconvivencia Internet y prevención del cyberbullying. *Integra Educativa*, 6(2). Recuperado de: <http://www.scielo.org.bo/pdf/rieiii/v6n2/v6n2a04.pdf>

Schenk, A. M., & Fremouw, W. J. (2012). Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbully victims among college students. *Journal of School Violence*, 11(1), 21-37. <http://dx.doi.org/10.1080/15388220.2011.630310>

Shariff, S. (2011). *Ciberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*. Porto Alegre: ArtMed.

Souza, S. B., Veiga Simão, A. M. & Caetano, A. P. (2014). Cyberbullying: Percepções acerca do Fenômeno e das Estratégias de Enfrentamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3), pp. 582-590. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201427320>

Liberalina Santos de Souza Gondim, Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco – FACESF. Email: liberalinagondim@gmail.com

Marcelo Silva de Souza Ribeiro, Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Email: mribeiro27@gmail.com

Recebido em 03.07.2020

Primeira Decisão Editorial em 03.09.2022

Aceito em 09.09.2022